

Resumo:

No início do século XXI, movimentos sociais, agremiações políticas e mandatários de esquerda ascenderam na América do Sul. Com as suas mais diversas matizes teóricas, trouxeram novas perspectivas e esperanças para populações inteiras, submersas no final do século XX a inóxia e marginalidade.

Ademais, o crescimento da corrupção envolvendo os poderes legislativo, executivo e judiciário do conjunto dessas nações, propiciou uma profunda crise de representatividade da população em relação aos seus partidos políticos tradicionais e “caciques” político, responsáveis pela chegada de novos atores no espectro político.

Nesse meandro, Bolívia e Venezuela assumiram um papel destacado; não apenas pelo fato da ascensão à presidência dos polêmicos e carismáticos Evo Morales e Hugo Chávez, mas também por terem trazido novas discussões teóricas para os atores sociais e a academia, principalmente, pela propagação dos princípios de democracia participativa e socialismo do século XXI.

Neste sentido, buscar-se-á nesse trabalho analisar de forma comparativa os projetos políticos desses dois expoentes da nova esquerda sul-americana, as relações e identificação dos movimentos sociais e a importância da organização partidária nesse novo processo.

Abstract:

At the beginning of century XXI, social movements, clubs politics and agent chief executives of left had ascended in the South America. With its more diverse theoretical shades, they had brought new perspectives and hopes for entire, submerged populations in the end of century XX the poverty and marginality.

Moreover, the growth of the corruption legislative involving them, executive and judiciary of the set of these nations, propitiated a deep crisis of representation of the population in relation to its traditional political parties and “chieftains” politician, responsible for the fond a of new actors in the specter politician.

In this condition, Bolivia and Venezuela had assumed a detached role; not only for the fact of the ascension to controversial and charismatic the presidency of Evo Morales and Hugo Chavez, but also for having brought new theoretical quarrels for the social actors and the academy, mainly, for the propagation of the principles of participativa democracy and socialism of century XXI.

In this direction, one will search in this work to analyze of comparative form the projects politicians of these two exponents of the new South American left, the relations and identification of the social movements and the importance of the partisan organization in this new process.

Por uma análise comparativa dos hodiernos processos políticos da Bolívia e Venezuela; liderados, respectivamente, pelos mandatários Evo Morales e Hugo Chávez.

Por Rafael Pinheiro de Araujo*

Introdução:

Durante quase cinco décadas, assistimos a polarização entre dois distintos projetos de sociedades representados pelos EUA e pela URSS, num momento histórico conhecido como Guerra Fria. Ao fim de 1991, a URSS ruiu e desintegrou-se, marcando o encerramento da bipolaridade, característico desse período histórico, sendo seguido do advento de uma Nova Ordem Mundial marcada pela uni-multipolaridade, ou seja, um cenário internacional constituído por uma superpotência e várias potências altamente significativas, como China e União Européia¹. O capitalismo havia ganhado do socialismo e poderia com isso, abrir as vísceras do mundo do trabalho, bem como as economias e mercados periféricos, expandindo globalmente os seus valores e paradigmas de sociedade, como a democracia liberal e representativa. A fase estabelecida marcaria o fortalecimento de instituições internacionais, como ONU e os seus organismos FMI, Banco Mundial, Conselho de Segurança, a construção ou fortalecimento de blocos econômicos, a maior relevância de ONG's (Organizações Não-Governamentais), o advento do terrorismo e a maior relevância da atuação de narcotraficantes, sobretudo na América do Sul.

A abertura da nova ordem global foi marcada pela contradição. Por um lado, avaliamos que o sistema capitalista ainda sentia os efeitos das duas crises petrolíferas ocorridas em 1973 e 1979 que levaram a um cenário de debilidade econômica, em mais um cenário de colapso econômico cíclico e inerente ao sistema do capital. Por outro lado, a vitória contra o socialismo, permitiu ao capitalismo buscar sua recuperação sob novos preceitos, deixando de lado o intervencionismo estatal e o estado de bem-estar, característicos até aquele momento, avançando sobre o globo

* Aluno do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pesquisador do Laboratório de Estudos do Tempo Presente.

¹ HUTINGTON, Samuel. *A superpotência solitária. Política Externa*. 2000, p.20.

com a roupagem neoliberal, apresentada como solução para as pendengas macroeconômicas do centro do sistema e da periferia, e a globalização. Abria-se assim, um novo período do avanço imperialista.

O retorno do liberalismo possuía como princípios: busca da eficiência do mercado e ataque frontal ao Estado nacional regulador e social; a ruptura dos monopólios públicos; privatizações; abertura comercial; desregulamentação dos movimentos do capital internacional; flexibilização das relações de trabalho/capital e cortes nos gastos sociais². Com isso, a década de 1990 inaugurou uma estação em que a indústria foi perdendo espaço para a *especulação financeira*.

Neste ínterim, diversos intelectuais, como Francis Fukuyama, buscaram justificar o avanço do capitalismo e da democracia durante os anos 90 do século XX ao afirmarem que não existiam mais horizontes para o desenvolvimento humano para além do liberalismo político e econômico. Este intelectual ligado ao Serviço de Estado Americano, durante a gestão de *Bush pai*, afirmou a disseminação mundial dos princípios liberais, pois este poderia “produzir níveis sem precedentes de prosperidade material, tanto nos países industrialmente desenvolvidos quanto nos países que, no fim da segunda Guerra Mundial, faziam parte dos países do terceiro mundo³”.

A globalização, considerada por nós não como um apêndice da vaga e indefinida denominação de *Nova Ordem Mundial*, mas sim a própria ordem emanada com o fim da Guerra Fria, serviu para catapultar a colocação em prática dos parâmetros liberais e democráticos. A integração dos mercados, a maximização do acesso a cultura e a informação, o desenvolvimento científico-tecnológico, o individualismo, a defesa da democracia, são alguns dos aspectos desse presente fenômeno impulsionado ao final da Guerra Fria que a caracterizam como uma nova ordem global.

Para as nações à margem do centro do capitalismo, dentre elas o conjunto das nações sul-americanas, o presente processo global serviu para acentuar a influência das grandes potências em suas economias nacionais. A globalização dinamizou processos de exploração, dominação, apropriação de recursos naturais e riquezas pelas nações imperialistas. Os atores políticos e econômicos internacionais que se interacionam com Estados periféricos, organismos multinacionais e supranacionais, desferem suas garras sobre os subdesenvolvidos, pois notoriamente eles são os maiores beneficiados pela globalização e pela abertura dos mercados

² CANO, Wilson. Soberania e Política Econômica na América Latina. São Paulo. Editora Unesp. 2000. P. 27.

³ Ibidem, Op. Cit, p. 14.

globais. Dessa maneira, nada mais atual do que o apontamento de Lenine no início do século XX: “o capitalismo transformou-se num sistema universal de subjugação colonial e de estrangulamento financeiro da imensa maioria da população do planeta por um punhado de países avançados⁴”.

Nos países objetos de nosso estudo comparativo, os princípios do hodierno momento levaram a um esfacelamento das estruturas estatais, incapazes de atender pela sua diminuição às demandas materiais mais óbvias e necessária. Marginalizou-se com isso, uma massa significativa de habitantes, excluída do novo momento econômico. Ademais, caminhou nesses países o aumento da corrupção, que adjuntamente às crises econômicas e a extrema pobreza, serviu para o germinar da aversão aos partidos políticos tradicionais, vistos como corruptos e incapazes de atender às necessidades humanas mais incipientes, bem como às instituições democráticas.

O colapso das instituições democráticas e o esfacelamento socioeconômico nas nações sul-americanas impulsionaram a ascensão de governos de esquerda na América do Sul. Dois em especial chamaram a atenção e ganharam destaque: os mandatários Evo Morales e Hugo Chávez, governantes respectivamente, da Bolívia e Venezuela. Buscaremos nesse trabalho, analisar aspectos presentes nos processos políticos liderados por essas duas novas lideranças de esquerda sul-americanas.

Os processos políticos Boliviano e Venezuelano.

O ano de 1998 inaugurou uma nova fase na América do Sul. O carismático e polêmico Hugo Chávez Frias ganhou as eleições presidenciais na Venezuela, numa campanha em que o discurso anticorrupção, antineoliberal e antiimperialista norteou os debates com a oposição pelo então candidato do Pólo Patriótico, formado pelos seguintes partidos: Movimento Quinta República (MVR), organização fundada por Chávez para a disputa das eleições em 1997, o Movimento para o Socialismo (MAS), Partido Pátria para Todos (PPT), Partido Comunista da Venezuela (PCV), o Movimento Eleitoral do Povo (MEP) e o Partido Pela Democracia Social (Podemos).⁵

⁴ - LENINE, Vladimir I. *Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. IN: LENINE, Vladimir I. *Obras Escolhidas*. São Paulo, Alfa- Omega, 1982, p. 582

⁵ O PSUV (Partido Socialista Unido de Venezuela) é a agremiação partidária formada por Chávez para abarcar os setores do Pólo Patriótico e populares que sustentam o processo de mudanças da Venezuela hodiernamente. Foi criado para propiciar a presente revolução bolivariana uma maior capacidade de organização e conscientização popular do processo

Igualmente, a vitória eleitoral de Evo Morales em Dezembro de 2005, com 53,7% dos votos contra 28,5% do segundo lugar Jorge Quiroga do Podemos (Poder Democrático e Social)⁶ após anos de mobilizações sociais, mortes e crises políticas, marcaria um novo período na Bolívia e na América do Sul. Não apenas pela relação próxima à Venezuela, o incentivo à participação popular, mas também pelo fato do triunfo ter sido o primeiro de um descendente de indígenas na nação marcada pela perniciosa exclusão social e favorecimento a uma elite branca abastada e fortemente entrelaçada ao imperialismo.

As ascensões de Evo Morales e Hugo Chávez às presidências da Bolívia e Venezuela apresentam pontos em comum. A oposição ao neoliberalismo, visto sobremaneira nos processos de nacionalizações dos recursos naturais e no aumento da intervenção estatal nos âmbitos econômico e social; a propagação de um forte sentimento antiimperialista, a denúncia da corrupção e dos acordos suprapartidários; as realizações de Assembléias Constituintes para a *refundação* de cada país são algumas das similaridades existentes entre os nossos objetos de estudo como veremos a seguir.

Por outro lado, diferenças substanciais destacam-se. Enquanto a liderança nacional exercida por Evo Morales derivou das lutas sindicais de mais de uma década de enfrentamentos às políticas de combate à produção da folha de coca no Chapare (Departamento de Cochabamba) e aos efeitos da exacerbação da indignação indígena e camponesa; a construção do comando do ex-militar Hugo Chávez derivou não de empedernidas lutas sindicais, mas sim do momento em que ele apareceu como um raio na esfera nacional em 1992, quando liderou a tentativa de golpe contra o governo de Carlos Andrés Pérez (1989-1993)⁷. Desde então, Chávez passou a ser visto como uma opção ao carcomido sistema partidário da Venezuela, marcado pelos acordões estabelecidos com o pacto de *Punto Fijo*⁸, devido ao seu discurso anticorrupção e propositivo de soluções para as mais urgentes e notórias mazelas sociais.

político do país; sobre a necessidade de avançar na construção do novo socialismo e ao mesmo tempo, alavancar e intensificar a conscientização de massas. O PSUV começou a ser construído ao final de 2006.

⁶ Ver <http://www.cne.org.bo/sirenacomp/index.aspx> acessado em 22/03/2006.

⁷ O movimento articulado durante alguns anos no interior das Forças Armadas por Chávez, buscava a partir do afastamento do então presidente construir uma aliança entre militares e civis, sob a liderança dos primeiros, com o intuito de realizar transformações de caráter nacionalista, pautado sobretudo na intervenção estatal na economia.

⁸ O *Pacto de PuntoFijo* foi estabelecido em 1958 pelos dois principais partidos políticos da Venezuela à época, Copei e AD. Este acordo previa a alternância de ambas as agremiações no governo venezuelano, inserindo além da alternância de poderes, via bipartidarismo, a fatia de cargos públicos e acordões que mascararam processo de corrupção cometidos pelos governos de ambos.

Este fato marcou a quebra do bipartidarismo marcou o colapso da direção burguesa sobre o restante da sociedade, pois seus representantes partidários organizados na AD e Copei, viram-se em frangalhos perante a opinião da classe trabalhadora. Da mesma forma, o esgotamento das organizações de esquerda, incapazes de dirigir o movimento de massas naquele momento e vistas com ressalvas por parcela significativa da população, abriu uma fenda essencial para a alta popularidade de Chávez. Isso foi fundamental para a ascensão do fenômeno Chávez, que para nós é um “*Bonapartista sui generis*”⁹ termo cunhado por Leon Trotsky no final da década de 1930 com o intuito de explicar regimes surgidos na América Latina pós-crise de 1929.

Com base na experiência mexicana, no momento do seu exílio governada pelo populista Cárdenas (1934-1940), Trotsky afirmou que em função do desenvolvimento retardatário do capitalismo, as nações latino-americanas, numa conjuntura de retração do sistema capitalista mundial teriam uma maior autonomia em relação ao capital imperialista, tendendo a formação de regimes bonapartistas dada as características da relação proletariado, burguesia nacional e capital estrangeiro. Neste sentido, a fragilidade das burguesias nacionais, pela influência do capital estrangeiro, pode em algumas situações fazer com ascendam governos concessores de benesses para os trabalhadores, propiciando assim, um relativa margem de manobra em relação ao imperialismo. A nova forma de governo, possuiria um líder, presidente ou chefe de Estado organizador do movimento de massas. Este seria um mediador entre as classes internas e a por sua vez, entre sua nação e o imperialismo. Trotsky classificou dois tipos de bonapartismo: o reacionário, quando reprime as massas populares, e o progressista, quando se apóia nas forças populares para enfrentar o imperialismo e as oligarquias internas, como no caso de Chávez.

A chegada ao poder de Chávez não foi fruto de um ascendente movimento de massas, mas de uma onda de descontentamentos e oposição à estrutura social da sociedade venezuelana. Na verdade, o erguimento de uma estrutura social organizada e seu enraizamento na população ocorreu a partir do aparelho de estado, gerando com isso manipulações, burocratização e ausência de conscientização como veremos posteriormente. Ademais, a fluída organização popular fez com que o processo revolucionário ficasse dependente de Chávez, gerando com isso uma idolatria ao chefe de Estado que muitas vezes é pernicioso para a construção do socialismo na Venezuela.

⁹ - DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky, o profeta banido*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006, p. 312-325.

Além disso, as características federativas e fragmentadas do MVR¹⁰ geraram problemas para a revolução bolivariana, pois a ausência de uma estrutura partidária orgânica e disciplinada, enfraqueceu a direção do movimento de massas e a elevação da conscientização das camadas populares. Por isso, Chávez e seus aliados decidiram ao final de 2006 construir o PSUV (Partido Socialista Unido de Venezuela) ferramenta fundamental na opinião dos chavistas mais conscienciosos para a consolidação do púbere paradigma de sociedade, combatendo aos traidores no interior do chavismo bem como para o enfrentamento com a reação burguesa, expressa, por exemplo, no Golpe de Estado em Abril de 2002 contra Chávez. Buscar-se-á com edificação do PSUV, fugir das armadilhas colocadas no caminho de processos transformadores resultantes da existência de uma organização social fluida e instintiva, como veremos posteriormente. Na verdade, encontramos consonância na construção da nova parafernália partidária com a necessidade de edificação de um partido de massas que tirasse do movimento o espontaneísmo e desorganização, como afirmado por Lenine: “(...) Quanto mais poderoso for o ascenso espontâneo das massas, quanto mais amplo se tornar o movimento, tanto maior, incomparavelmente maior, será a rapidez com que aumenta a necessidade de uma elevada consciência, quer no trabalho teórico que no político e no de organização¹¹”.

Com relação à Bolívia, a análise dos processos de luta e construção da liderança “moralista” possui características sublinhadas diferenciadoras do ocorrido na Venezuela. A assunção do primeiro presidente indígena da história boliviana, foi fruto de árduos embates entre os setores marginalizados e excluídos do país mais pobre da América do Sul com uma elite branca, beneficiada durante décadas pela exploração das principais riquezas naturais do país. Empedernidos conflitos ocorreram, balizando com isso, a construção do projeto encarnado na liderança de Morales, principal figura do movimento social.

Acreditamos, que três foram os momentos marcantes na trajetória ao poder do movimento social boliviano. O primeiro iniciou-se no final da década de 1980 e perpassou durante todo os anos 90 do século XX, devido à campanha realizada pelos seguidos governos, com financiamento e apoio humano dos EUA, para a erradicação das plantações da histórica folha de coca, matéria-prima utilizada para a fabricação de cocaína. Esquecendo-se de que a coca faz

¹⁰ O MVR (Movimento Quinta República) foi a agremiação partidária de Chávez no momento de sua eleição no ano de 1998.

¹¹ LENINE, Vladimir. *Que fazer?*. IN: LENINE, Vladimir. *Obras Escolhidas*, São Paulo, Editora Alfa Ômega, 1982, p. 116.

parte do imaginário popular e cultural indígena, expressos, por exemplo, no culto à “deusa” Pachamama (Mãe Terra), símbolo da fertilidade agrícola e do bem-estar indígena; na sua utilização nos *cerros* mineiros, pois a folha de coca proporciona a energia necessária para o árduo trabalho nas minas e mesmo no dia-a-dia como chá; as gestões presidenciais desencadearam uma efusiva campanha para detonar a produção de coca. A partir de então, iniciou-se a criminalização dos indígenas e camponeses produtores de coca, sobretudo os da região do Chapare (Cochabamba), associados paulatinamente a narcotraficantes.

Um segundo fator, foi a Guerra da Água ocorrido em janeiro de 2000 na região de Cochabamba em consequência da privatização desse recurso natural para um consórcio capitaneado pelos americanos. O aumento do valor do recurso natural desencadeou uma reação em cadeia impulsionada não apenas por camponeses, operários urbanos, desempregados, mas também pela classe média, outro setor afetado no país pelas medidas neoliberais. No turbilhão político desencadeado pelos embates, o MAS (Movimento al Socialismo), o movimento social organizado e Evo Morales, apareceram com força no cenário político do país, iniciando assim, um reconhecimento por parte de outros setores afastados da organização social, cuja união seria fundamental para a eleição de Morales em dezembro de 2005.

A Guerra do Gás entre setembro/outubro de 2003 originou-se em decorrência da imposição por parte do governo Sánchez de Lozada da exportação de gás natural para os Estado Unidos, via Chile. A medida adotada pelo governo desencadeou uma série de manifestações pelo país, sobretudo na região de El Alto, forçando a renúncia do presidente eleito ao final de 2002. Como consequência dos embates, o MAS e as entidades sociais colocaram em pauta para os seguintes governos uma agenda política a ser cumprida para o arrefecimento político. São estes: a realização da Assembléia Constituinte, a nacionalização dos hidrocarbonetos e a reforma agrária.

Como percebemos por esses exemplos, a ascensão de um projeto alternativo de sociedade na Bolívia nasceu a partir dos conflitos populares com os seguidos governos neoliberais. A conjunção de instituições sociais mais o partido MAS, levou a edificação de um alentado movimento antineoliberal e antiimperialista, conduzido por Morales, mas não inteiramente dependente de sua liderança, como ocorreu na Venezuela com Chávez. Com isso, cremos que a assunção do descendente de indígena ao governo foi fruto de mais de uma década de lutas contra a opressão de camponeses e marginalização de amplas frações sociais, organizadas em robustos movimentos sociais e não pelo aparecimento de um bonapartista no cenário político do país.

Ademais, diferentemente do ocorrido na Venezuela onde os castrenses cumpriram papel essencial, a participação de frações militares na construção do projeto político contra hegemônico expresso por Morales foi mínima, embora hoje sua participação seja fundamental na sustentação do governo, pois vários membros das Forças Armadas, tanto de alta quanto de baixa patente, identificam-se com a *revolução democrática, cultural e indígena* liderada pelo presente presidente boliviano.

Bibliografia.

CANO, Wilson. Soberania e Política Econômica na América Latina. São Paulo. Editora Unesp. 2000.

DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky, o profeta banido*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006

HUTINGTON, Samuel. *A superpotência solitária. Política Externa*. 2000.

LENINE, Vladimir I. *Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. IN: LENINE, Vladimir I. Obras Escolhidas. São Paulo, Alfa- Omega, 1982.

LENINE, Vladimir. *Que fazer?*. IN: LENINE, Vladimir. *Obras Escolhidas*, São Paulo, Editora Alfa Ômega, 1982